

»Entrevista | **ABDUL HARIS AGAM** | GUIA QUE TENTOU SALVAR JULIANA MARINS NO MONTE RINJANI

Em relato ao **Correio**, escalador afirma que a jovem estava morta quando conseguiu chegar perto para resgatá-la. Morador de uma vila próxima do vulcão, rejeita a alcunha de herói que os brasileiros lhe vêm atribuindo pelo esforço buscá-la viva

“Apenas fiz meu melhor por ela”

» RODRIGO CRAVEIRO

Aos 36 anos, o guia de montanha indonésio Abdul Haris Agam tornou-se herói para milhões de brasileiros. Foi ele quem tentou resgatar Juliana Marins, 26 anos, da encosta do Monte Rinjani. Também foi quem pernitoou no despenhadeiro, ao lado do corpo da jovem para evitar que caísse, e quem o retirou da montanha. Até ontem, Agam acumulava nada menos do que 1,4 milhão de seguidores em seu perfil no Instagram. Uma campanha on-line em favor do guia tinha arrecadado R\$ 465 mil junto a 26 mil pessoas. Em entrevista ao **Correio**, Agam falou sobre o resgate e a retrada do corpo. Também recusou o título de herói. “Sinto-me culpado e peço desculpas à família de Juliana por não ter sido capaz de devolvê-la para casa em segurança”, disse o guia, que mora em Sembalun, vila situada na encosta nordeste do Rinjani. Leia a seguir a entrevista.

O que fez com que você tentasse salvar a Juliana?

Eu me senti chamado a resgatá-la, pois sabia que conseguiria fazer isso. Para mim, era uma questão de humanidade.

Você acreditava que seria possível encontrá-la viva?

Sinto-me culpado e peço desculpas à família de Juliana por não ter sido capaz de devolvê-la para casa em segurança.

Quando chegou até Juliana, qual era a situação?

Quando chegamos ao local, ela

Reprodução/YouTube



estava morta. As condições para alcançar a área em que ela caiu são muito difíceis. O terreno é íngreme e o local, distante da trilha — cerca de 590m. Ao ver a condição do percurso que fez ao cair do vulcão, creio ser difícil avaliar se ela sobreviveria. Há muitas rochas pelo caminho e a queda foi grande.

Como você decidiu passar a

noite ao lado do corpo dela na montanha?

Tomei essa decisão porque, quando chegamos até ela, era noite, o que tornava impossível remover o corpo na escuridão. Durante o dia já seria muito perigoso... Dormi a cerca de 3m de Juliana, pendurado na beira do penhasco. Eu e três companheiros aguardamos o dia amanhecer para a retirada do corpo.

Nós dormimos junto ao corpo da Juliana. Fizemos uma amarração de cordas em um rocha para que não caíssemos no despenhadeiro. Se tivesse chovido naquela noite, provavelmente teríamos morrido.

Você recebeu algum tipo de assistência financeira para ir até o vulcão e tentar salvar a brasileira?

Eu usei o meu próprio dinheiro. Eu e meus companheiros somos voluntários não remunerados. Mas o povo brasileiro é muito gentil e tem minha estima. Os brasileiros passaram a contribuir comigo com dinheiro. Recebi transferências pelo PayPal e também estão reunindo dinheiro para me dar.



Quando chegamos, ela estava morta. As condições para alcançar a área em que ela caiu são difíceis. O terreno é íngreme e o local, distante da trilha. Ao ver a condição do percurso que fez ao cair, creio ser difícil avaliar se ela sobreviveria”

O que pretende fazer com o valor arrecadado?

Eu quero comprar equipamentos para tornar mais fáceis as operações de salvamento. Também pretendo investir no treinamento de busca e salvamento nas montanhas da Indonésia, em particular no Monte Rinjani.

Quais os momentos mais difíceis do resgate? Você temeu também cair no despenhadeiro?

Sim, em várias ocasiões. O mais difícil foi quando bati contra as rochas. Também havia deslizamentos de pedras por todas as partes.

Os brasileiros o chamam de herói. Que acha disso?

Obrigado aos brasileiros. Apenas fiz o meu melhor por Juliana. Mas era difícil trazê-la viva para casa.

Causa da morte seria por hemorragia

» ALINE GOUVEIA
» FABIO GRECCHI

A autópsia do corpo da brasileira Juliana Marins, realizada no Hospital Bali Mandara, em Denpasar, na Ilha de Bali, na Indonésia, constatou que ela morreu por um trauma contundente, que resultou em danos a órgãos internos e hemorragia. O médico-legista Ida Bagus Alit, que realizou o procedimento e assinou o laudo cadavérico, disse à imprensa que a jovem não resistiu por causa de ferimentos na caixa torácica e nas costas.

“Encontramos arranhões e escoriações, bem como fraturas no tórax, ombro, coluna e coxa. Essas fraturas ósseas causaram danos a órgãos internos e sangramento”, disse o médico, que também assegurou que a morte de Juliana teria ocorrido por volta de uns 20 minutos depois de ela sofrer os ferimentos.

“Por exemplo: havia um ferimento na cabeça, mas nenhum sinal de hérnia cerebral. A hérnia cerebral geralmente ocorre de várias horas a vários dias depois do trauma. Da mesma forma, no tórax e no abdômen, houve sangramento significativo, mas nenhum órgão apresentou sinais de retração que indicassem sangramento lento. Isso sugere que a morte ocorreu logo após os ferimentos”, salientou o médico legista. Além disso, também não havia sinais de hipotermia no corpo, pois não tinha ferimentos associados à condição, como lesões nas pontas dos dedos.

A morte de Juliana tem gerado grande discussão nas redes sociais, com brasileiros e até a família da jovem acusando o governo da Indonésia de negligência por conta da demora em mobilizar uma equipe de resgate para tentar salvá-la. Por esse motivo, na mesma coletiva de imprensa, o porta-voz da equipe de resgate do país (a Basarnas) afirmou, novamente, e deu mais detalhes sobre a dificuldade da operação na região, principalmente pelo

clima instável e repleto de nebulosidade no período.

A Basarnas afirma que começou a agir logo depois de ter sido comunicada sobre o acidente com Juliana, mas que a operação demandava calma e planejamento para ser levada adiante, especialmente para não colocar em risco as pessoas que participariam do resgate. Especialistas brasileiros confirmam que um salvamento em montanha pode, sim, durar dias por conta de obstáculos que podem estar impostos.

Pontos obscuros

Porém, a estimativa do legista de que Juliana morreu aproximadamente 20 minutos depois que ela sofreu os ferimentos apontados como fatais, é diferente da divulgada pela Basarnas de que ela foi encontrada morta na noite de terça-feira. Isso quer dizer que o corpo teria sido encontrado um dia antes da estimativa dos peritos para a morte em si.

Além disso, há uma divergência temporal em relação ao momento da morte. Isso porque Juliana teria despencado por volta das 4h de sábado (21) em Lombok — 17h de sexta-feira no Rio de Janeiro —, mas às 7h locais do sábado — por volta das 20h do dia anterior no Rio — ela foi filmada com vida por drone operado por montanhistas espanhóis. As imagens mostram, nitidamente, que ela se mexia, embora não seja possível avaliar a gravidade dos ferimentos.

No domingo (22) em Lombok, equipes de resgate não conseguem avistar Juliana na encosta do Rinjani. As condições do tempo eram ruins e houve a suspeita de que ela tinha deslizado ainda mais para baixo. Somente às 6h30 locais de segunda-feira (por volta das 19h30 de domingo no Rio) é que ela foi novamente localizada. Dessa vez, porém, um drone de resgate indonésio constatou que a brasileira estava imóvel. Isso indicou que poderia já estar morta.

Reprodução/Instagram/@ajulianamarins



Segundo a autópsia, Juliana teria morrido em função da gravidade dos ferimentos causados pela queda



Havia um ferimento na cabeça, mas nenhum sinal de hérnia cerebral. No tórax e no abdômen, houve sangramento significativo, mas nenhum órgão apresentou sinais de retração que indicassem sangramento lento. Isso sugere que a morte ocorreu logo após os ferimentos

Ida Bagus Alit, médico forense que realizou a autópsia em Juliana

Pai relata dor da perda em rede social

Manoel Marins, pai da brasileira Juliana Marins, de 26 anos, publicou um stories no Instagram comentando a dor e a saudade depois da morte da filha em um acidente em uma trilha para o cume do Monte Rinjani, da Indonésia.

“Bateu muita saudade ontem, chorei muito. Não dormi bem. Filha, te amo demais, demais, demais e cada vez mais a dor aumenta. Descanse nos braços do pai, querida. Que Deus te abençoe ricamente”.

Em seu perfil no Instagram, Manoel afirma que ainda não há previsão para a liberação do corpo para o traslado até o Brasil. No vídeo, ele diz que está em Lombok, ilha onde o acidente aconteceu, e vai para Bali, onde foi realizada a autópsia de Juliana. Ele viajou para a Indonésia pouco depois de saber do acidente da filha, ainda com esperanças de encontrá-la viva. Mas chegou depois da informação da morte.

No perfil sobre o resgate de Juliana, a família voltou a publicar um alerta sobre falsas vaquinhas para trazer o corpo da brasileira de volta ao Brasil. Isso porque o governo federal já se comprometeu com a repatriação dos despojos, conforme anunciou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Natural de Niterói, no Rio de Janeiro, a brasileira tinha 26 anos e viajava para diversos continentes e países. Entre os registros em

seu perfil no Instagram, constam passagens pela Espanha, Holanda, Vietnã, Alemanha, Uruguai e Egito, onde fez um intercâmbio.

Ela trabalhou em empresas do grupo Globo, como Multishow e Canal Off, além da agência de marketing Mynd e do evento Rio2C, voltado à indústria criativa. A jovem era formada em Comunicação pela UFRJ, já tendo também feito cursos de fotografia e roteiro e direção de cinema.